

O FORNO CERÂMICO DE CALHEIROS (PONTE DE LIMA)

POR

Carlos A. Brochado de Almeida
António J. Cunha Leal
Armandino Baptista da Cunha

A quinta do Paço, situada na freguesia de Calheiros, concelho de Ponte de Lima, é uma propriedade típica do vale do Lima. Localizada na encosta sul do monte «Chã de Oural-Penedo Branco» e entre os ribeiros de Tonde e do Rego Novo, afluentes do rio Labruja, apresenta-se, devido aos acidentes orográficos, disposta em socalcos, aproveitados para uma actividade agrícola onde a produção vinícola começa a ganhar foros de primazia (Est. I).

Foi, aliás, ao proceder-se à abertura de valas para o plantio de novos vinhedos, num dos campos mais meridionais da quinta, que vestígios de «um forno ou de construção dos antigos» ⁽¹⁾ apareceram.

Perante tais indícios a solução foi proceder-se a uma intervenção arqueológica, que chegou a estar programada para o Verão de 1985, mas que por motivos vários teve que ser adiada para o Outono de 1986 ⁽²⁾.

⁽¹⁾ A notícia saiu no *Diário do Minho*, de 24 de Maio de 1985, sob o título «Forno Romano descoberto em Calheiros».

⁽²⁾ Agradecemos todo o apoio que nos foi prestado pelo Eng. Francisco Lopes de Calheiros, proprietário do Paço de Calheiros, pela Câmara Municipal de Ponte de Lima, pelo Centro de Estudos Regionais de Viana do Castelo e pelo Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Lima. Agradecemos, igualmente, ao Dr. Artur Jorge Leite de Almeida e ao estudante do curso de História da FLUP, Paulo Jorge da Costa Pinto, o apoio prestado.

Delimitada a área de escavação em função das valas e dos vestígios a descoberto, cedo ficou patente a não existência de uma estratigrafia credível, pois a camada que cobria a estrutura, para além de ser demasiado fina, encontrava-se bastante revolvida. Aliás, tal suposição, viria a comprovar-se, plenamente, no decorrer da escavação.

Retirada a camada de terra que cobria a parte superior da estrutura, ficou visível a porção da grelha ainda intacta e a estrutura lateral. A limpeza desta, do interior do corredor e da câmara de aquecimento, permitiu, por outro lado, esclarecer a maneira como o forno havia sido construído.

Para o efeito, e quando da sua feitura, os pedreiros escolheram um terreno em declive, geologicamente constituído por granitos calco-alcalinos de grão grosseiro e em adiantado estado de decomposição. Assim se conseguiu uma base suficientemente sólida para albergar a parte do forno que teria de ficar enterrada, se facilitava o escoamento das águas, que eventualmente se infiltrassem na câmara de aquecimento, e se permitia um fácil acesso à boca do forno, local onde era colocado o combustível a arder.

*

* *

A estrutura do forno é em tudo semelhante à do da quinta do Paço freguesia da Facha ⁽³⁾, sendo portanto constituída pelos seguintes elementos:

1. Boca do forno e fornalha

O corredor é rectangular. Tem de comprimento 1,60 m e de largura 0,80 m (Est. II e Est. IV).

Formavam-no, primitivamente, seis blocos graníticos, colocados na vertical e que apresentam indícios de provirem de uma construção anterior, dado o cuidado posto na picagem das suas faces.

Presentemente, restam cinco e nem todos no devido lugar. Um estava caído no corredor e um outro, apesar de alinhado, encontrava-se tombado, dando assim uma falsa ideia de inserção (Est. III-2). Quanto aos demais, mais ou menos alinhados e nos primitivos sítios, permitiram saber que, antes de terem sido colocados, fora necessário cavar, previamente, uma cama

⁽³⁾ Carlos A. Brochado de Almeida, *Proto-História e Romanização da Bacia Inferior do Lima*, Póvoa de Varzim, 1988; Carlos A. Brochado de Almeida, António J. da Cunha Leal, *O Forno Cerâmico da Quinta do Paço, Facha-Ponte de Lima*, Actas do Colóquio em Homenagem a Manuel Boaventura, Vol. II, Esposende, 1987.

no granito em decomposição. Aliás, idêntica solução fora adoptada para instalar as pedras que serviriam de alicerce aos arranques dos vários arcos (Est. III-1 e 2).

A fornalha ficava situada junto à entrada da câmara de aquecimento. Atestam-no o par de blocos, mais interior, com indícios de forte erosão, e o solo do corredor, cujo granito apresentava uma carregada tonalidade avermelhada, fruto de uma acção prolongada e violenta do fogo.

O tipo de cobertura desconhecemo-lo, mas não andaremos longe da verdade se a imaginarmos em abóbada, tal como a do forno de Eixo (Aveiro) e o da quinta do Paço da Facha (Ponte de Lima) ⁽⁴⁾.

2. Câmara de aquecimento

A câmara de aquecimento é do tipo rectangular. Tem 2,20 m de comprimento e 1,70 m de largura (Est. II e IV).

O espaço está delimitado por uma parede envolvente, construída com pedras de pequeno tamanho, mas com a face exterior razoavelmente aparelhada (Est. III-1 e 2 e V-1). A distância, entre estas e o terreno natural, foi preenchida com pedras informes, ligadas, tal como as outras, com argamassa de barro avermelhado. Esta mesma argamassa aparece, igualmente, a revestir o interior da parede envolvente, bem como a parte dos arcos construídos em pedra.

O espaço interior está dividido em 5 arcos abatidos e com tendência para o ultrapassado (Est. III e V). Destes, somente dois estão intactos. Os restantes, ou se conservam ao nível dos arranques, ou das bases (Est. II e Est. V-1).

Os materiais usados nos arcos são de dois tipos, isto é, a parte inferior foi construída em pedra, grosseiramente desbastada, ligada e revestida com argamassa de barro avermelhado e a parte superior com tijolos compactos de tipo «burro», igualmente ligados com argamassa de idêntico teor (Est. III-1 e V-1).

Como é usual neste tipo de construções, os arcos não arrancam das paredes laterais, antes delas se distanciam cerca de 0,20 m. Este espaço está preenchido com pedras, igualmente informes, que sobem até à altura da grelha, ajudando assim a sustentá-la (Est. III-1 e V-1).

⁽⁴⁾ O relatório da escavação deste forno será, em breve, publicado. O retirar da terra que cobria, parcialmente, um dos esteios da boca do forno da Facha permitiu detectar vestígios do arranque da abóbada.

3. Grelha

A grelha é formada por camadas de barro sobrepostas e que atingem a espessura de cerca de 0,25 m (Est. II, III-1 e V-2).

O ar quente, saído da combustão da lenha posta a arder no corredor, passava para a câmara de cozedura (laboratorium) através de um conjunto de orifícios que, inicialmente, teriam um formato que não andaria longe do círculo, mesmo que irregular. A sua disposição está intimamente ligada ao espaço disponível existente entre os vários arcos (Est. II e V-2).

4. Câmara de cozedura

Deste compartimento restam, unicamente, algumas pedras da estrutura lateral (Est. III-1 e 2 e V-1). Quanto ao resto, desconhecemos a sua altura bem como o tipo de cobertura que teria, embora se possa imaginar uma de tipo amovível.

Materiais fabricados

O único material que, com segurança, poderemos afirmar que aqui era produzido, é o ímbrex, ou para falar popularmente, a telha de meia cana. Fragmentos desta encontravam-se no interior da câmara de aquecimento, sobre a grelha e nas imediações do forno. Tipologicamente são produtos em tudo semelhantes aos que aparecem nas estações medievais da região ⁽⁵⁾.

A tégula, que se encontra espalhada pelo campo onde o forno está implantado, está ausente neste, pelo que, *a priori*, admitimos que aqui não tenha sido produzida.

Se a dúvida, no que concerne à produção de tégula, é grande, muito mais o é no que respeita ao fabrico de cerâmica comum. Esta, com as

⁽⁵⁾ Carlos A. Ferreira de Almeida, Teresa Soeiro, Carlos A. Brochado de Almeida, António José Baptista, *Escavações Arqueológicas em Sto. Estevão da Facha*, Sep. do «Arquivo de Ponte de Lima», n.º 3, Ponte de Lima, 1981.

Carlos A. Ferreira de Almeida, *Castelologia Medieval de Entre-Douro-e-Minho*, Porto, 1978.

Carlos A. Brochado de Almeida, António José Baptista, *Castros e Castelos de Ponte de Lima*, Sep. do «I Colóquio Galaico-Minhoto», Ponte de Lima, 1981.

características usuais da cerâmica comum romana, ou mesmo medieval, não a encontramos, nem no forno nem nas suas imediações. Quanto à presença da tégula nos terrenos anexos, terá de ser explicada por outras vias.

Cronologia

Sem outros elementos de apoio, difícil se torna enquadrar cronologicamente este forno.

Se a forma e disposição pouco ou nada difere dos ultimamente descobertos na região norte (Canelas-Vila N. de Gaia, Louredo-St. Marta de Penaguião e Facha-Ponte de Lima) ⁽⁶⁾ há, todavia, alguns pontos discordantes que, mais do que pontuais, bem poderão significar uma divergência temporal. Explicitemos.

Nos fornos de boa época romana, dos quais tomamos como exemplo o de Canelas-Vila N. de Gaia, os arcos de volta inteira foram construídos integralmente em tijolos rectangulares, de boa qualidade, com o conjunto a denotar um certo gosto no acabamento.

Um pouco mais ligeira parece ser a construção do forno da quinta do Paço, freguesia da Facha, concelho de Ponte de Lima. É certo que aqui os arcos continuam a tender para a redondez e a serem construídos, integralmente, com tijolos tipo «burro», mas a solidez e a consistência da estrutura obtêm-se, não tanto a partir da boa qualidade dos materiais de construção usados, mas antes através de uma boa dose de argamassa de revestimento.

O forno do Paço de Calheiros é, dos atrás enumerados, aquele que mais diferenças apresenta e que são bem visíveis na forma e nos materiais dos arcos.

Estes, de volta inteira, passam a abatidos e a tenderem para o ultrapassado (Est. III) fazendo assim lembrar um pouco a técnica moçárabe. A outra das inovações está no modo de se construírem os arcos. Estes deixaram de o ser inteiramente em tijolo tipo «burro» para passarem a

⁽⁶⁾ Armando Coelho Ferreira da Silva, António Baptista Lopes, Maria José Folgado Lobato, *O Forno Cerâmico Romano de Canelas (Vila Nova de Gaia)*, «Gaia», Vol. II, 1984, págs. 59/72.

Armando Coelho F. da Silva, António Baptista Lopes e Manuel Tuna, *O Forno Cerâmico Romano de Louredo (Santa Marta de Penaguião)*, «Portugália», Vol. II/III, Porto, 1981/2.

Carlos A. Brochado de Almeida, António J. Cunha Leal, *op. cit.*

ter a base feita com pequenos blocos graníticos ligados e revestidos com argamassa de barro avermelhado.

Serão estes argumentos suficientes para, cronologicamente, o situarmos fora do contexto romano? Sinceramente pensamos que não, mas se lhes acrescentarmos a ausência do fabrico da tégula e a certeza de que o produto aqui produzido era a telha de meia cana, em tudo semelhante à das estações medievais da região, então o distanciamento do mundo romano deixa de ser uma mera figura de retórica e a hipótese de uma filiação medieval começa a ter maior consistência.

E alguns argumentos poderão ser invocados, como a presença, segundo a tradição local, no sítio do Paço Velho, da primitiva casa condal ⁽⁷⁾ a qual teria sido fundada, ou não, por D. Arnaldo de Baia ⁽⁸⁾, mas cujos senhores bem poderão estar relacionados com *Fernandus Fernandi de Caleiros* ⁽⁹⁾ o qual, além de ter comprado a herdade de Calvos, em Caldelas ⁽¹⁰⁾, deu filhos a criar a *Menendo Luz*, o que equivale a dizer que a quinta deste se tornou *honrada* ⁽¹¹⁾.

Perante o exposto, e provisoriamente, consideraremos este forno, grosso modo, de medieval e com fortes possibilidades de estar relacionado com os primórdios da casa condal de Calheiros. Todavia, uma possível anterioridade à formação da nacionalidade, atendendo às características dos arcos, não será de excluir.

⁽⁷⁾ Segundo a tradição, o primitivo palácio situar-se-ia em terrenos bem próximos do forno. Desta posição se fazem eco, aliás, as «Memórias Paroquiais» de 1758 ao informarem «que houve huma torre na quinta chamada do Paço de Calheiros pertencentes aos Senhores della a qual depois de arruinada a desfizerão para retificação e acrescimo das Cazas da dita Quinta». *Ponte de Lima e freguesias do seu (actual) concelho nas Memórias Paroquiais de 1758, segundo o Dicionário Geográfico do padre Luís Cardoso*, «Arquivo de Ponte de Lima», Vol. III, Ponte de Lima, 1982, pág. 255 e segs. O actual edifício, um dos mais belos exemplares de arquitectura solarenga do Entre-Douro-e-Minho, foi construído algumas centenas de metros acima da primitiva construção.

⁽⁸⁾ Conde D'Aurora, *Roteiro da Ribeira Lima*, Porto, 1959, pág. 184.

⁽⁹⁾ P. M. H. Inquisitiones.

⁽¹⁰⁾ Segundo o levantamento toponímico, elaborado por António José Baptista, *Caldelas* (quinta de) é um dos topónimos vigentes na freguesia. Cfr. António José Baptista, *Levantamento Toponímico do Concelho de Ponte de Lima*, Arquivo de Ponte de Lima, Vol. III, Ponte de Lima, 1982, pág. 295 e segs.

⁽¹¹⁾ Fr. Joaquim de Santa Rosa Viterbo, *Elucidário das Palavras, Termos e Frases*, Ed. Livraria Civilização, Porto, 1964.

Alberto Sampaio, *Estudos Económicos*, Vol. I, Lisboa, 1979, pág. 146.

A existência de tégula nas imediações do forno não nos espanta. Esta, gorada a hipótese de um relacionamento com o forno, só poderá provir de uma construção situada, algures, nas suas imediações ⁽¹²⁾ e cuja cronologia remontará ao mundo romano ou pós-romano ⁽¹³⁾.

Serão estruturas semelhantes às já detectadas na quinta do Paço da Facha e do Paço de Vila Cova (Barcelos)? Todas as hipóteses o sugerem. A nossa esperança é poder comprová-la, no futuro, tanto mais que, a algumas centenas de metros, para sudeste, fica a Ermida, local onde apareceu o ídolo ictifálico depositado no Museu dos Terceiros ⁽¹⁴⁾, o Castelo de Genço e sobre a portela de Brandara, os *habitats* de S. Simão e da Bouça da Sepultura de S. Simão, povoações castrejas com fortes indícios de romanização ⁽¹⁵⁾.

SUMMARY

The farm «Quinta do Paço» lies in the «*freguesia*» of Calheiros, *concelho* of Ponte de Lima (*), Viana do Castelo.

It is a farm in which a beautiful manor house stands — a good specimen of the architecture called «*minhota*», that is the say, typical of the region. This architecture dates back to the XVIII century. However, the archaeological remains scattered through the region reflect features that go back to the foundation of our nation.

The pottery found there from the Roman period, is a sign of a «settlement» that may belong to the Roman «*villae*» — Facha, Ponte de Lima, and Vila Cova, Barcelos — which is, at the moment, the aim of our studies.

The pottery furnace we have just found, needs to be identified through an accurate dating. Nevertheless, owing to its morphological specific features and to the characteristics of the products existing there — «*imbrex*» of mediaeval type — the furnace may be inserted, broadly speaking, in the mediaeval period.

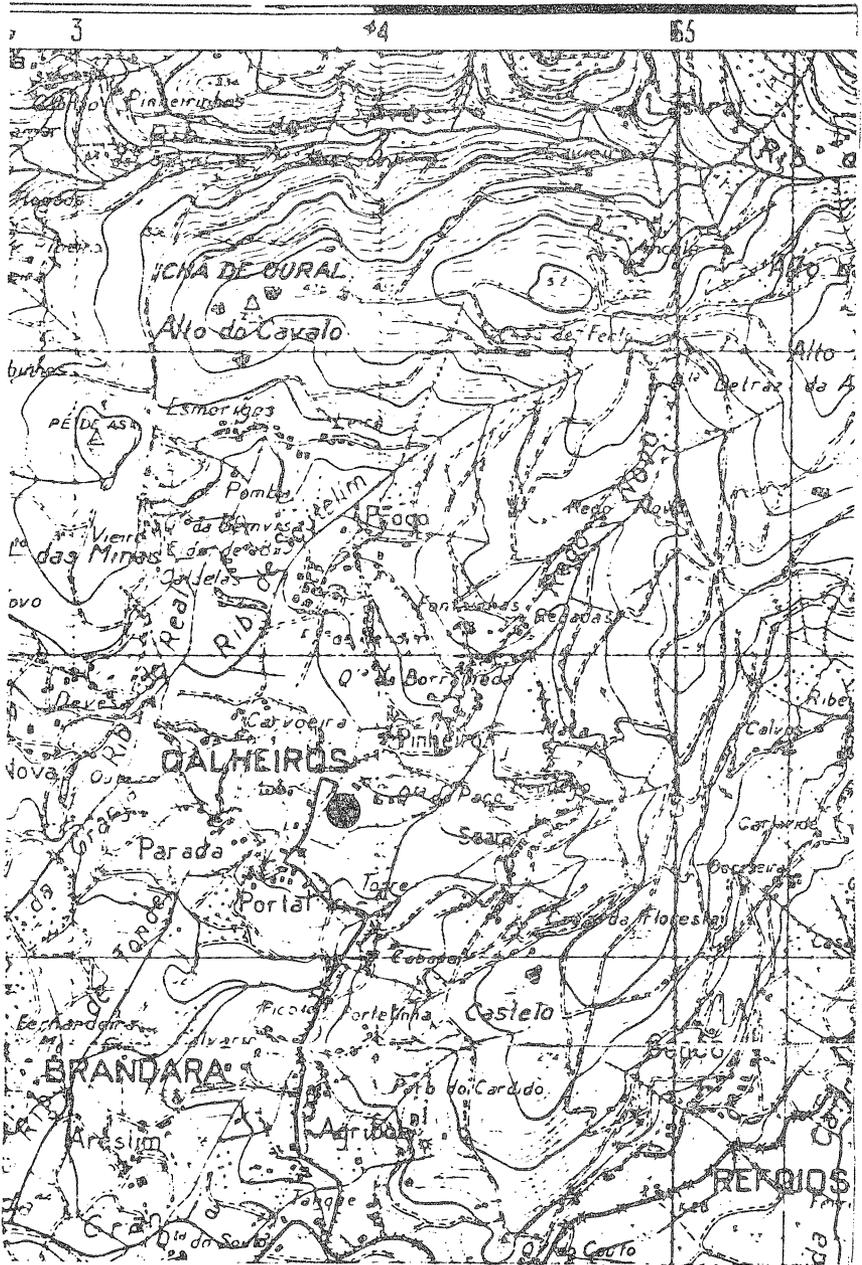
⁽¹²⁾ Com a disposição dos terrenos em socalcos é admissível que tais construções tenham sido destruídas.

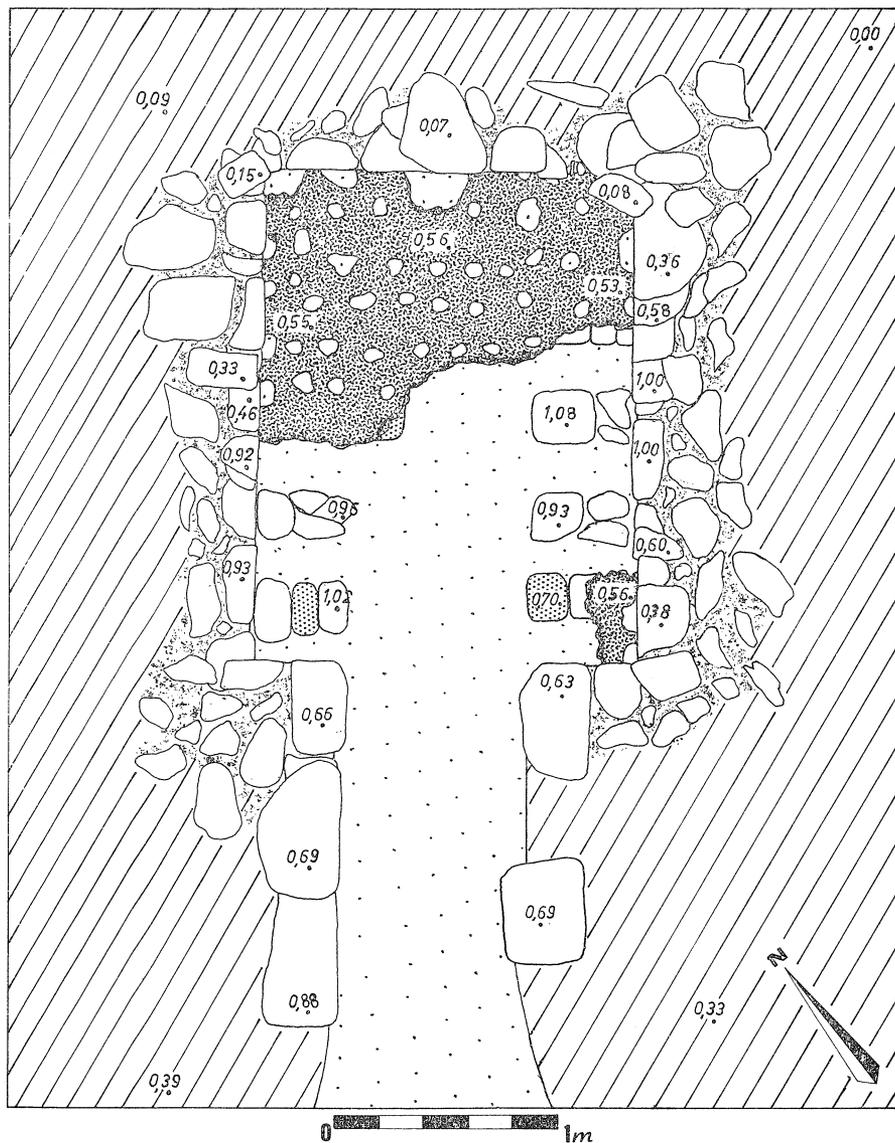
⁽¹³⁾ É hoje ponto assente que a tégula perdurou até finais do domínio visigótico.

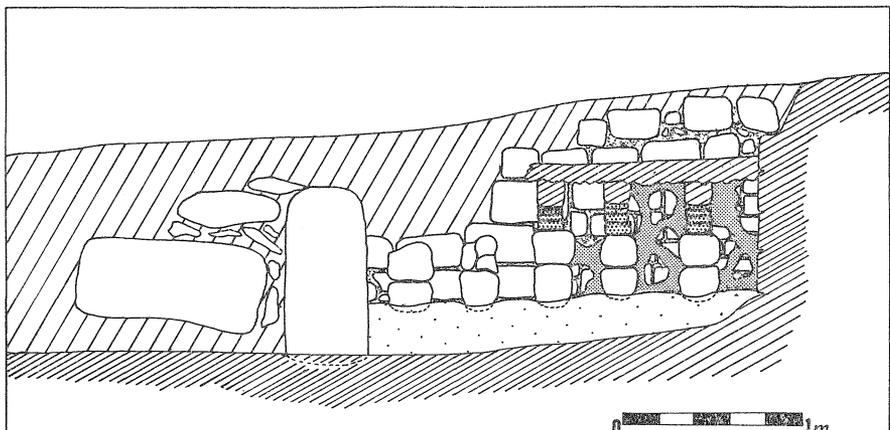
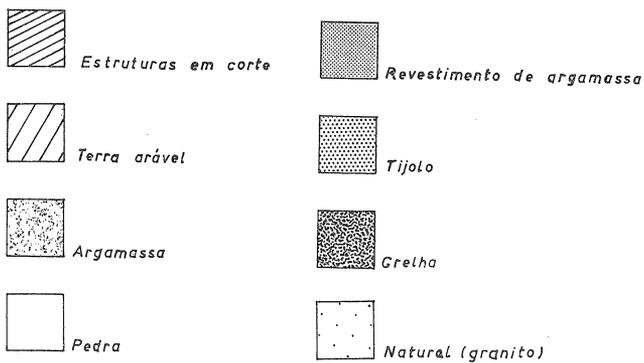
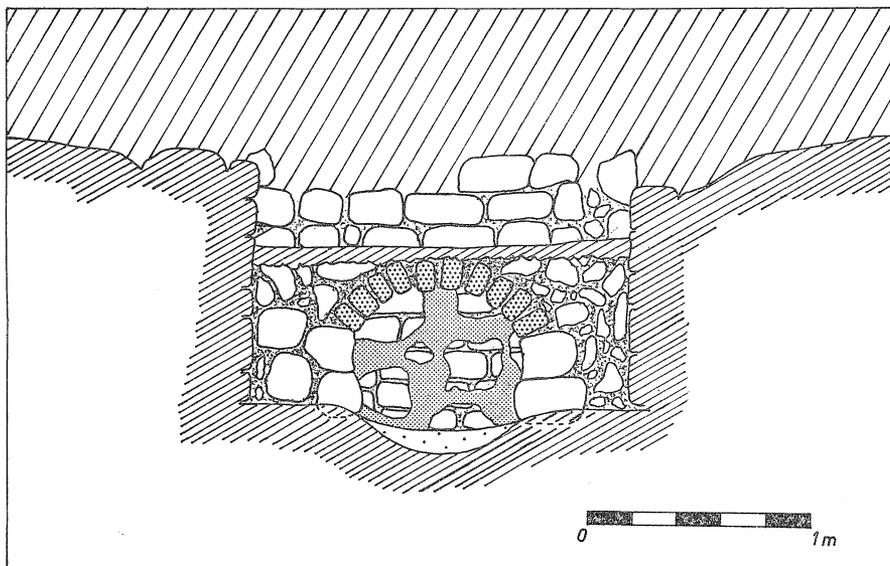
⁽¹⁴⁾ Carlos A. Ferreira de Almeida, *Uma Escultura Castreja de Calheiros, Ponte de Lima, Duas Considerações*, «Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia», Coimbra, 1971, págs. 293/296.

⁽¹⁵⁾ Carlos A. Brochado de Almeida, António José Baptista, *op. cit.*

(*) *Freguesia* and *concelho* are administrative divisions for which there is not a English corresponding translation.

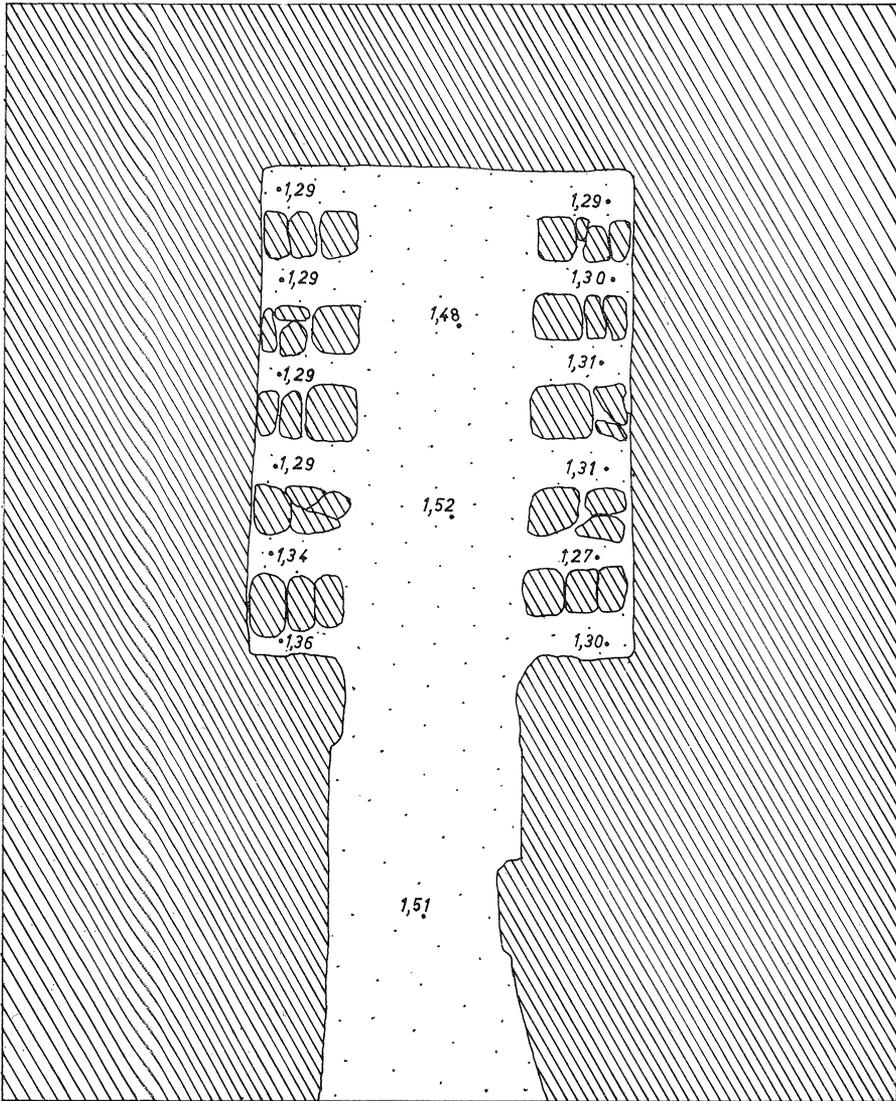


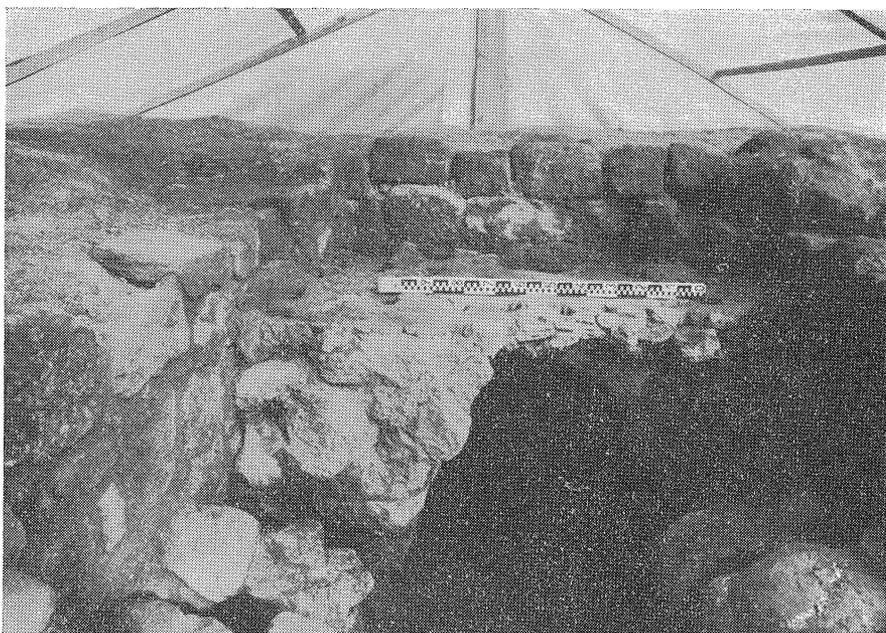




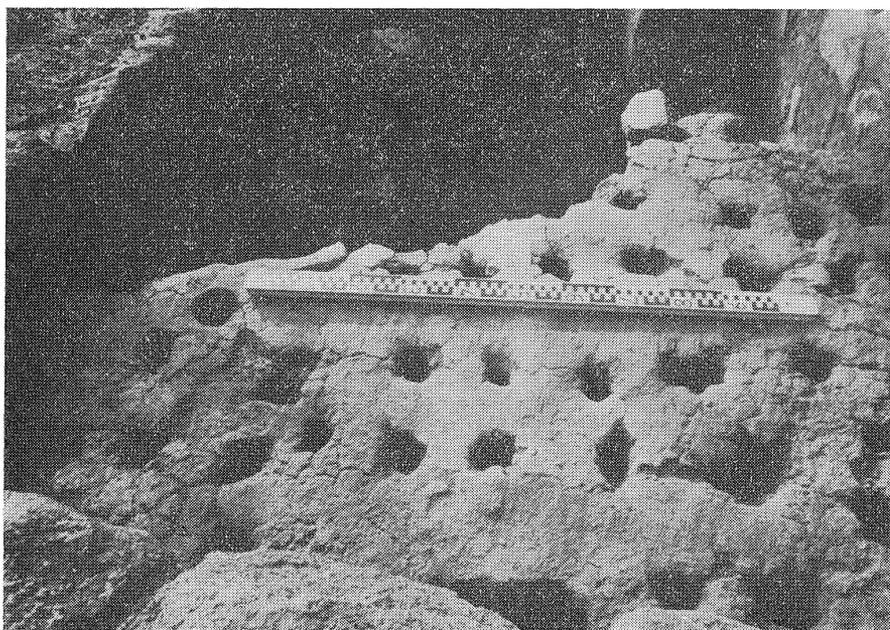
1

2





1



2